

A força de um candidato conservador

NOS MEIOS EM QUE SE COMEÇA A DISCUTIR A VIABILIDADE DE UM CANDIDATO CONSERVADOR À PRESIDÊNCIA, GERMINA A IDÉIA DE QUE O NÚCLEO DE SUA PLATAFORMA, PARA A CAMPANHA E PARA O GOVERNO SERIA ESTRUTURADO EM TORNO DE UMA NOÇÃO SIMPLES: SEGURANÇA

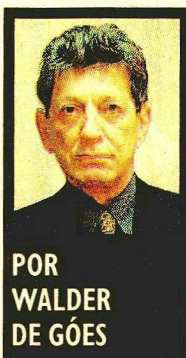


Bem olhados, os resultados de pesquisas políticas de opinião pública, profusas no país, informam que não é pequeno o mercado eleitoral para um candidato conservador à Presidência da República. Simples: o PT e similares se consolidaram no eleitorado de esquerda, o centro está sendo ocupado pela evolução ideológica do PT e por várias pré-candidaturas de partidos como o PSDB e o PMDB e somente o mercado eleitoral de centro-direita e direita está vazio.

Esse espaço desocupado não é pequeno, nem é necessariamente formado por pessoas que se sentem de direita. São votos recrutáveis por um candidato qualquer, mas, como os sentimentos esquerdistas e centristas já estão representados por candidaturas competitivas, uma candidatura nova só viria da centro-direita (o PFL) ou de direita (o PPB). Os índices de apoio ao governo dão informação sobre o tamanho desse mercado. Não que o governo do presidente Cardoso seja de direita. Apenas que o apoio a ele, em torno de 25%, é dado por aqueles que enfatizam mais a continuidade do que a mudança. Esse número coincide com os 27% dos dispostos a apoiar um candidato governista à presidência. Ademais, o número de indecisos é alto e mesmo entre os que já apontam candidatos são numerosos os capazes de mudar de escolha. Mais importante ainda: segundo a última pesquisa CNT/Sensus, 66% dos eleitores gostariam de “um nome novo que não seja político, que seja um empreendedor”.

Nos meios em que se começa a discutir a viabilidade de um candidato conservador à presidência, germina a idéia de que o núcleo de sua plataforma, para a campanha e para o governo seria estruturado em torno de uma noção simples: segurança. O candidato enfatizaria a segurança do emprego por meio da defesa da produção do país, credenciando-se ao apoio do empresariado nacional. Falaria da segurança do país em um contexto internacional turbulento, podendo o candidato, assim, beneficiar-se do nacionalismo renascente no país. O nacionalismo de um candidato conservador, segundo as idéias sob reflexão, seria um nacionalismo de natureza defensiva. Ele se voltaria para a proteção da produção nacional nos mercados internacionais e para a promoção das iniciativas do país. Trabalhando de forma positiva a idéia de autoconfiança, um candidato conservador poderia ser visto como alguém identificado com a proteção dos interesses nacionais em seu conjunto. O candidatoalaria também e principalmente da segurança pessoal do cidadão, ameaçado pela violência urbana e pela instabilidade social. É impressionante o fato de que o povo brasileiro, segundo as pesquisas de opinião, coloca a segurança pública em segundo lugar no ranking de demandas, logo depois de “políticas de educação e saúde”.

Falamos das discussões sobre o núcleo de uma plataforma conservadora, mas não de seu conjunto nem de sua



**POR
WALDER
DE GÓES**

natureza específica. A própria natureza desse núcleo, assim como as demais propostas, dependerá em muito de quem seja o candidato, se é que ele venha a existir, e qual a base partidária de sua sustentação desde agora. Uma candidatura que uma PSDB, PFL e PPB precisaria ser mais centrista, mais amena, menos radical na concepção, por exemplo, de uma plataforma “da lei e da ordem”, um lema conservador. Uma candidatura PFL-PPB, diferentemente, poderia avançar e até denunciar o atual governo, mas a presença do PSDB na aliança inibiria essa última possibilidade e exigiria algumas tintas sociais democratas nas questões objeto da plata-

forma. A questão é que o PSDB, passado a ser visto como de centro-direita por causa da aliança partidária governista e de políticas do governo Cardoso, quer recuperar terreno, radicando seu discurso em terreno centrista.

Um candidato conservador com uma plataforma assim seria viável, para as eleições e para o governo? Provavelmente não. Dele será exigido modernizar-se ideologicamente. Aceitemos o sentido real das palavras. Conservador quer conservar o status quo, a ordem vigente, que lhe é favorável. Mas isso é coisa velha. Partidos conservadores em todo o mundo estão se modernizando. Embora dentro do marco conservador, lideram agendas de mudanças não radicais para melhor distribuição social da riqueza, da renda e do poder político. Vide a fortuna política do PP espanhol, o partido conservador liderado por José Maria Aznar. O PP já se inscreveu no rol das forças políticas que produziram a Espanha socialmente moderna e economicamente forte. Com o PP, na verdade, a Espanha saiu do programa conservador histórico e ingressou na economia social de mercado, que extrai sua legitimidade do compromisso de incorporação crescente das fronteiras sociais internas do capitalismo. Se na Espanha, que antes de Aznar já era uma importante democracia econômica, o compromisso do PP foi claro, no Brasil ele precisa ser claríssimo, abrangente, a partir do reconhecimento da gigantesca exclusão social que domina o mapa humano do país. Aqui se exige investimento pesado na ampliação do campo de inclusão de nosso capitalismo: qualificação da força de trabalho, modernização das instituições trabalhistas, políticas educacionais e de aperfeiçoamento, expansão social do crédito, apoio à economia rural, privatização, desregulamentação e novas regulações para corrigir as disfunções das políticas liberais.

Em suma, novas engenharias políticas podem entrar em cena na campanha presidencial e, nesse momento, a novidade seria o acordar político do mundo conservador brasileiro.

WALDER DE GÓES É PRESIDENTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS POLÍTICOS (IBEP) E DIRETOR DO SITE WWW.POLITICABRASILEIRA.COM.BR